



Diálogos intertextuais: “A Fonte” e o Mito¹

Camila Machado de Souza²
Níncia C. R. Borges Teixeira³

Resumo

A presente pesquisa analisa o diálogo intertextual entre a letra de uma canção composta por Renato Russo em 1993 e as inscrições órficas do séc III-IV a. C. contidas em uma lâmina de ouro encontrada em escavações de um túmulo, na cidade de Petélia, hoje, Comuna de Strongoli, ao sul da Península Itálica. O objetivo do trabalho é promover uma leitura mais abrangente e aberta às possibilidades de compreensão conjuntural, bem como motivar a construção de sentidos por meio do diálogo intercultural.

Palavras-chave

Intertextualidade; Música; Orfismo;

A produção, recepção e atribuição de sentidos a um texto dependem do conhecimento prévio que se tem de outros textos. Considerando o texto como um recorte significativo da grande rede cultural da qual participamos, pode-se apontar diversas formas de relações e diálogos entre produções culturais. Propagandas que fazem analogia ao cinema, filmes que retomam romances, narrativas que dialogam com a música, canções que fazem referências a poetas e suas poesias, ou seja, intertextualidade.

Ao tomar o conceito “texto” como uma significação verbal, é possível afirmar que a literatura, de maneira consciente ou não, vale-se da intertextualidade como importante recurso na construção de sentidos. Em função disso, Walty e Cury (2005) apontam a intertextualidade como um importante “operador de cultura”, pois um texto só poderá ser satisfatoriamente apreendido mediante a consciência que o leitor tem das relações que este texto mantém com outras produções. Logo, retoma-se a importância da leitura como contribuidora para o enriquecimento de outras leituras.

Em relação às origens do conceito, embora os formalistas russos (em especial Tynianov e Chlovsky) tenham se preocupado com a concepção que, hoje, é pertinente à intertextualidade, foi o russo Bakhtin, na década de 1920, o primeiro teórico a estudar e

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Acadêmica de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste. camilawho@gmail.com.

³ Orientadora - Professora doutora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Pós-doutora em Ciência da Literatura. ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br.



reconhecer as relações existentes entre obras, denominando-as “dialogismo”. Ao afirmar que os textos dialogam entre si, Bakhtin (*apud* WALTY & CURY, 2005) explica que os discursos subexistem em função de outros, quer seja sob a forma de atração ou rejeição.

Bakhtin (*apud* COSTA, 2007) rompeu com a noção fechada dos seus predecessores e lançou mão de uma idéia mais abrangente do conceito “texto”, definindo-o como toda produção cultural baseada na linguagem. Para esse teórico, o processo de leitura não pode ser concebido desvinculado da idéia de intertexto, já que o princípio dialógico é inerente à linguagem e confere sentido ao discurso, elaborado sempre a partir de uma série de outros textos. E é sob influência das idéias bakhtinianas que surgem, nos anos de 1960, diversos teóricos buscando novas perspectivas para estudar as relações entre os discursos.

Nesse contexto, a teórica francesa Julia Kristeva apresenta o conceito de *intertextualidade* baseando-se no *dialogismo* de Bakhtin: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto” (*apud* WALTY & CURY, 2005). Para ela, qualquer texto ou discurso artístico, além de se relacionar com outros textos, anteriores ou contemporâneos, mantém diálogo com os interlocutores do discurso. O diálogo não ocorre em um círculo fechado, mas também com o público que capta seus sentidos.

A partir dos estudos de Kristeva (*apud* COSTA, 2007), a conceituação de “texto” passa a ser compreendida como um eco das vozes do tempo ao qual pertencem, da história de um grupo social, de seus valores, crenças, medos e esperanças. Portanto, o texto não é um reflexo de uma situação, mas é a própria situação. Sendo assim, a leitura de uma obra está condicionada às influências do contexto histórico, social, econômico e, também, literário.

A estudiosa contemporânea Ingedore Koch (1997) considera que todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical do seu interior com seu exterior, e desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, retoma, alude, ou se opõe. Devido à grande variedade de espécies de relações que os textos podem estabelecer, Koch (2004) segmentou o conceito da intertextualidade em duas formas: explícita e implícita.

A intertextualidade explícita ocorre quando o enunciador faz referência à fonte do intertexto, como acontece nas citações, entrevistas, resumos, resenhas e traduções. Pode ser direta, se o intertexto for reproduzido de forma literal (geralmente com o uso



de marcas tipográficas, como aspas); ou indireta, se o intertexto for citado, mas reproduzido com outras palavras.

A intertextualidade é implícita quando é introduzido no texto, um intertexto alheio sem qualquer menção à fonte. Tal recurso é utilizado ora com vistas a reforçar seus argumentos, ora com a intenção de colocar o intertexto em questão, argumentá-lo, ironizá-lo, satirizá-lo. Grésillon e Maingueneau (*apud* KOCH, 2004), denominam *valor de captação* e *valor de subversão*, respectivamente.

No caso da intertextualidade implícita, o sentido do texto só será plenamente compreendido se o enunciatório for capaz de identificar o intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória-social, visto que, se isso não ocorrer, a construção dos sentidos será comprometida, especialmente no caso da subversão, na qual a inversão dos argumentos não será identificada, empobrecendo as significações previstas pelo enunciador. Na captação, o reconhecimento do intertexto também se configura de elevada importância, haja vista a ampliação do campo de compreensão por parte do enunciatório. No entanto, por se tratar de um parafraseamento do texto-base, quanto mais fiel for a captação, menos necessário se faz a determinação do intertexto.

A intertextualidade implícita, quando altera um intertexto visando produção de sentidos, é denominada *détournement* por Grésillon e Maingueneau (*apud* KOCH, 2004). Koch (2004) por não encontrar uma tradução satisfatória, apropria-se do termo e passa a usá-los nos casos em que se tem a alteração da forma e/ou conteúdo de um texto-fonte, geralmente provérbios, slogans ou frases feitas, com objetivo de captação, ou, mais frequentemente, de subversão. E acrescenta: “Gostaria de postular a extensão desse conceito a diversas formas de intertextualidade implícita, já que em todas elas há algum tipo de alteração – ou adulteração – de um texto-fonte visando à produção de sentidos.” (KOCH, 2004).

De acordo com Grésillon e Maingueneau (*apud* KOCH, 2004), há duas distinções de *détournements*: o de tipo *lúdico*, simples jogo com a sonoridade das palavras, e o de tipo *militante*, que busca dar autoridade ou destruir um enunciado em nome de interesses das mais diversas ordens. Como exemplo de *détournement* lúdico, pode-se citar a frase popular “Para bom entendedor, meia palavra basta” que, no verso de Luis Fernando Veríssimo torna-se “Para bom entendedor, meia palavra *bas*” (VERISSIMO *apud* KOCH, 2004). Vê-se aí uma simples supressão da última sílaba da frase com o objetivo de causar graça. Já no caso do *détournement* militante, o provérbio “O que os olhos não vêem o coração não sente”, em uma publicidade do Dia dos



Namorados transforma-se em “O que os olhos não vêem o coração sente” (A RAZÃO *apud* KOCH, 2004); neste caso, a supressão da palavra “não” inverteu o sentido original do texto para cumprir o seu propósito como publicidade, que é vender. A inversão do sentido primitivo leva o enunciatório a pensar que se ele não oferecer um presente a seu(a) namorado(a), o coração dele(a) vai sofrer.

É importante ressaltar que, apesar de a maioria dos casos de intertextualidade implícita tratar-se de *détournements*, existem circunstâncias em que isso não ocorre, ou seja, há casos em que o intertexto não é modificado na forma nem no conteúdo, apenas passando a fazer parte de um novo contexto; ele é recontado para gerar novos sentidos.

Koch (2004) ainda alerta quanto à diferença entre a intertextualidade, na qual é necessário que haja o texto, ou os textos, específicos com os quais estabelece relação, e a polifonia, que exige apenas a presença de perspectivas alheias num mesmo texto:

O conceito de polifonia é mais amplo que o da intertextualidade. Enquanto nesta, faz-se necessária a presença de um intertexto, cuja fonte é explicitamente mencionada, ou não (intertextualidade explícita X intertextualidade implícita), o conceito de polifonia, tal como elaborado por Ducrot (1980,1984), exige apenas que se representem, encenem (no sentido teatral) em dado texto, perspectivas ou pontos de vista de enunciadores diferentes. (KOCH 2004, p. 154)

É necessário, portanto, evitar uma visão demasiadamente ampla da intertextualidade, pois, do contrário, corre-se o risco de dificultar a percepção e identificação dos intertextos. Koch, Bentes e Cavalcante (*apud* COSTA, 2007) levam-nos a buscar um refinamento ao estabelecer critérios claros para comparar textos e identificar suas semelhanças e disparidades na forma de expressão de intertextualidade. Dessa forma, as autoras alertam para a importância da adoção de uma visão estrita de intertextualidade:

Não se deve admitir que qualquer remissão direta ou indireta a um conhecimento naturalmente compartilhado pelos participantes da comunicação deva ser considerada intertextual em sentido estrito, pelo perigo de se cair no abismo de fórmulas anônimas ou dos tropeços inconscientes dos significantes, enfim, das formas de “esquecimento” da heterogeneidade constitutiva, de que fala Authier-Revuz (2004). A intertextualidade em sentido estrito seria um espécie particular, e marcada, de dialogismo; as duas noções, portanto, não se equivalem. (KOCH, BENTES & CAVALCANTE *apud* COSTA, 2007)

A pesquisa pretende delinear a relação intertextual entre a canção “A Fonte” da banda brasileira Legião Urbana, e as inscrições órficas em uma lâmina de ouro encontrada em Petélia, uma cidade da antiga Magna Grécia, localizada ao sudoeste do Golfo de Tarento.



A lâmina de Petélia, que data do século III-IV a.C, foi encontrada em escavações de um túmulo, na cidade de Petélia, hoje, Comuna de Strongoli, ao sul da Península Itálica. A lâmina foi escrita em grego em uma folha de ouro fino e, seguindo preceitos órficos, foi enterrada junto a um corpo com finalidade de fornecer instruções e proteção àquela alma no submundo. Atualmente, a lâmina encontra-se no Museu Britânico em Londres.

As inscrições da lâmina remontam aos rituais órficos, realizados pelos ascetas que seguiam os ensinamentos de Orfeu, que, curiosamente, são semelhantes aos da doutrina cristã, guardadas algumas exceções. Segundo Russel (1969), Orfeu, a figura central do orfismo, é “uma figura vaga, mas interessante”:

Quaisquer que tenham sido os ensinamentos de Orfeu (se é que existiu), os que hoje se conhecem são os ensinamentos dos órficos. Acreditavam na transmigração das almas; ensinavam que a alma podia desfrutar, no outro mundo, de uma bem aventurança eterna ou passar por tormentos temporários, segundo a sua maneira de viver na terra. Tinham por aspiração tornar-se “puros”, quer em parte, mediante cerimônias de purificação, quer evitando certas espécies de contaminação. (...) O homem, afirmavam, é feito metade de terra, metade de céu; mediante uma vida pura, a parte celestial aumenta, diminuindo a parte terrena. (RUSSEL: 1969, p. 21)

Segundo os preceitos órficos, a alma egressa do corpo dirigia-se aos domínios de Hades, senhor do submundo dos mortos e lá, deveria saber guiar-se para provar que era digna de salvação. A lâmina de Petélia, com este propósito, foi enterrada junto ao corpo de um defunto com as instruções para a alma no mundo dos mortos. Assim pregavam suas inscrições:

Encontrarás à esquerda da Casa de Hades, uma fonte,
E, a seu lado, um branco cipestre.
Não te aproximes desse manancial.
Mas encontrarás um outro junto ao Lago da Memória,
De onde fluem águas frescas e, diante do qual, há guardiães.
Diz-lhes: “Sou um filho da terra e do céu estrelado;
Mas minha raça é do céu (somente). Vós próprios o sabeis.
E – ai de mim! – estou ressequido de sede, e pereço. Dai-me rapidamente
A água fresca que flui do Lago da Memória”.
E eles mesmos te darão de beber o manancial sagrado.
E, desde então, tu dominarás entre os outros heróis...
(RUSSEL, 1969, p. 22-23)

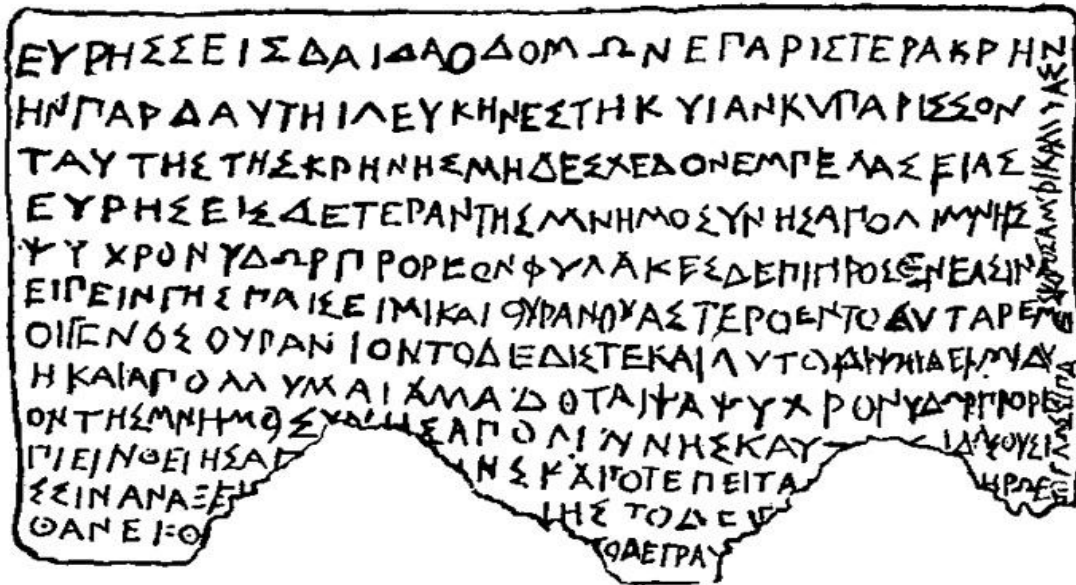


FIGURA 1: Lâmina de Petélia

A Memória, *Mnemosyne*, é representada como a água da vida. Quem bebesse do manancial sagrado poderia manter o seu Ser e habitar junto aos deuses, assemelhando-se aos heróis. Ao contrário, as almas impuras que bebessem da água da morte do rio *Lethes*, esqueceriam suas vidas terrenas a fim de reencarnarem:

Memória é água da vida, que marca oposição ao Esquecimento, cuja água da morte representa a vida terrestre, ruída pelo tempo e pelo não ser. A sede da alma simboliza, sobretudo, a ressurreição, no sentido da passagem definitiva para um mundo melhor. (...) As almas que se dirigiam ao Hades bebiam das águas do rio *Lethes*, a fim de esquecer suas existências terrenas. Os órficos, todavia, na esperança de escapar da reencarnação, evitam o *Lethes* e buscam a fonte da *Mnemosyne*. (AMADIO: 2007, p. 38-9)

A canção “A Fonte” escrita por Renato Russo, integra o álbum “O Descobrimento do Brasil”, lançado em 1993, ano em que o autor estava em tratamento clínico para abandonar o vício das drogas. As canções do disco revelam um caráter de fé e esperança, mas, simultaneamente, mostram uma tomada de consciência por parte de Renato, que passa a considerar os erros que cometeu e a culpa que eles carregam. Lançando mão da licença poética, os versos a seguir, ambos de “A Fonte”, confirmam tais apontamentos: “Celebro todo dia/ Minha vida e meus amigos/ Eu acredito em mim/ E continuo limpo”, “Me tira essa vergonha, me liberta dessa culpa/ Me arranca esse ódio, me livra desse medo” (Legião Urbana, 1993). Ao declarar que continua “limpo”, o autor afirma sua sobriedade em relação aos entorpecentes e ao revelar que acredita em si



e celebra a vida, ele deixa transparecer a sua fé na felicidade. No entanto, nos versos seguintes, é possível perceber claramente as implicações de seus vícios: vergonha, culpa, ódio e medo. É neste sentimento paradoxal que Renato introduz na letra de “A Fonte” a releitura das inscrições de Petélia aplicada a sua realidade:

Ao lado do cipestre branco
À esquerda da entrada do inferno
Está a fonte do esquecimento
Vou mais além, não bebo dessa água
Chego ao lago da memória
Que tem água pura e fresca
E digo aos guardiões da entrada
“Sou filho da Terra e do Céu”
Dai-me de beber, que tenho uma sede sem fim (LEGIÃO Urbana: 1993)

O autor acredita que pode ir além da fonte do esquecimento e chegar ao lago da memória “E veja que da fonte, sou os quilômetros adiante” (Legião Urbana, 1993). Para os órficos, somente as almas puras poderiam beber dessas águas; isso revela o sentimento de redenção presente no autor. Ao purificar-se ele seria digno da *Mnemosyne* e poderia viver como um herói na morada dos deuses. O seu abandono do vício das drogas é a sua purificação, representa sua redenção.

Em entrevista concedida no dia 21 de maio de 1994, Renato fala sobre seus vícios e sua libertação:

Eu estava me destruindo e, em vez de me matar com um tiro na cabeça, preferi procurar ajuda. Isso vem desde os 17 anos (...) Eu era jovem e acabei entrando num beco sem saída. Isso foi me consumindo, eu ficava deprimido e não sabia o porquê. Achava que o mundo era horrível, igualzinho ao Kurt Cobain, nada mais valia a pena. E isso é estranho porque, se eu achar um dia que as coisas não valham a pena, quero estar com a cabeça no lugar, e não com o corpo cheio de toxinas. Parei com todo tipo de droga e vi que as coisas não eram tão ruins. (MATIAS, 2001)

Ao firmar uma relação entre a sua libertação do vício das drogas com a purificação que os órficos buscavam, Renato materializa a sua redenção estabelecendo uma intertextualidade implícita entre a canção “A Fonte” e o texto crivado na lâmina de Petélia. Quanto à intertextualidade implícita que costura os dois textos não se trata de um *détournement*, pois não apresenta modificações na forma do intertexto, apenas passa a fazer parte de outro contexto a fim de construir novos sentidos.

O texto é como um recorte significativo feito no processo ininterrupto na ampla rede de significações dos bens culturais, assim pode-se afirmar que a intertextualidade é inerente à produção humana. Na produção textual, sempre se lança mão do que já foi



feito anteriormente. Não há autonomia de um texto, pois como objeto cultural, tem uma existência física que pode ser apontada e delimitada. Esses objetos não estão ainda prontos, pois se destinam ao olhar, à consciência e à recriação dos leitores. Cada texto constitui uma proposta de significação que não está inteiramente construída. A significação se dá no jogo de olhares entre o texto e seu leitor. Sendo que este é um interlocutor ativo no processo de significação, na medida em que participa do jogo intertextual tanto quanto o autor. A intertextualidade se dá, a todo momento, filmes que retomam filmes, quadros que dialogam com outros, propagandas que se utilizam do discurso artístico, poemas escritos com versos alheios, romances que se apropriam de formas musicais, tudo isso são textos em diálogo com outros textos: intertextualidade.

Referências bibliográficas

AMADIO, Márcia H.R. A Reatualização do mito grego de Orfeu por Camus. São Paulo: 2007. Disponível em: <http://mx.mackenzie.com.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=540> Acesso em 13/10/2008.

A RAZÃO. *Publicidade do Clube dos Lojistas*, 5 jun. 1991. Apud KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à Lingüística Textual: Trajetória e grandes temas*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COSTA, Iara Bemquerer. *A intertextualidade em artigos de opinião da mídia impressa*. In: 4o Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2007, Tubarão-SC. Anais (Proceedings). Tubarão-SC: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2007. v. 1. p. 1069-1079

GRÉSILLON, A. & MAINGUENEAU, D. *Polyphonie, proverbe et détournement ou un proverbe peut en cacher un autre*. , 1984. Apud KOCH, Ingedore, G. V. *Introdução à Lingüística Textual: trajetória e grandes temas*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. 1974. Apud WALTY & CURY. *Intertextualidade*. e-Dicionário de Termos Literários. Disponível em <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/intertextualidade.htm>> Acesso em 6/09/2008

KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a Construção do Sentido*. Campinas: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à Lingüística Textual: Trajetória e grandes temas*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Editora Cortez, 2007. Apud COSTA, Iara Bemquerer. *A intertextualidade em artigos de opinião da mídia impressa*. In: 4o Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2007, Tubarão-SC. Anais (Proceedings). Tubarão-SC : Universidade do Sul de Santa Catarina, 2007. v. 1. p. 1069-1079



Lâmina de Petélia – HARRISON, J. Ellen. Prolegomena, 1991. in Sunrise Theosofische Perspectieven. Disponível em: <<http://www.theosofie.net/sunrise/sunrise1999/mrtapril1999/herinneren.html>> Acesso em 13/10/2008

LEGIÃO Urbana (1993) – *A Fonte*. O Descobrimento do Brasil [CD áudio] Rio de Janeiro: EMI.

MATIAS, Alexandre. *Em entrevista inédita, Renato fala de drogas e da Legião*. Folha Online, 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u18180.shtml>> Acesso em 13/10/2008.

RUSSEL, Betrand. *História da Filosofia Ocidental*. vol 1, 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Mínimas*. Apud KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à Lingüística Textual: Trajetória e grandes temas*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

WALTY, Ivete e CURY, Marua Zilda. *Intertextualidade*. e-Dicionário de Termos Literários. Disponível em <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/intertextualidade.htm>> Acesso em 6/09/2008.